



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

ANA CECÍLIA DE OLIVEIRA SOUSA

**AS RELAÇÕES DE PODER EM *O QUINZE*, DE RACHEL DE QUEIROZ: O
DOMÍNIO DOS PERSONAGENS SECUNDÁRIOS SOBRE A CLASSE
TRABALHADORA**

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2022

ANA CECÍLIA DE OLIVEIRA SOUSA

AS RELAÇÕES DE PODER EM *O QUINZE*, DE RACHEL DE QUEIROZ: O
DOMÍNIO DOS PERSONAGENS SECUNDÁRIOS SOBRE A CLASSE
TRABALHADORA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba – Campus IV, como um dos requisitos para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Fernandes de Andrade Praxedes.

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S725r Sousa, Ana Cecília de Oliveira.
As relações de poder em *O Quinze*, de Rachel de Queiroz: o domínio dos personagens secundários sobre a classe trabalhadora [manuscrito] / Ana Cecilia de Oliveira Sousa. - 2022.
36 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2022.
"Orientação : Profa. Dra. Maria Fernandes de Andrade Praxedes, Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."
1. O Quinze. 2. Relações de poder. 3. Exploração. 4. Abandono. I. Título

21. ed. CDD B869.3

ANA CECÍLIA DE OLIVEIRA SOUSA

AS RELAÇÕES DE PODER EM O QUINZE, DE RACHEL DE QUEIROZ: O
DOMÍNIO DOS PERSONAGENS SECUNDÁRIOS SOBRE A CLASSE
TRABALHADORA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de
Letras e Humanidades da
Universidade Estadual da Paraíba -
Campus IV, como um dos requisitos
para obtenção do grau em
Licenciatura Plena em Letras.

Aprovado em 22/04/2022

BANCA EXAMINADORA

Maria Fernandes de Andrade Praxedes

Profa. Dra. Maria Fernandes de Andrade Praxedes – UEPB

(Orientadora)

Eianny Cecília de Abrantes Pontes e Almeida

Profa. Ma. Eianny Cecília de Abrantes Pontes e Almeida – UEPB

(Examinadora)

Noara Queiroz de Medeiros

Profa. Ma. Noara Queiroz de Medeiros – Rede M. Ensino C. do Rocha -PB

(Examinadora)

Catolé do Rocha - PB

2022

Dedico este trabalho a Deus. Deus é o que me cinge de força e aperfeiçoa o meu caminho.

(Salmos 18: 32)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por ter me dado forças e sabedoria para realizar este trabalho e concluir o curso.

Agradeço a minha família, em especial aos meus pais Pedro Bento e Cláudia Cleide, a minha irmã Ana Beatriz, ao meu esposo Kleber Ferreira, a minha avó Maria Amélia (*in memoriam*), a minha avó Maria Maia, ao meu primo Alielson Pereira que sempre me incentivaram e acreditaram em mim. Obrigada por estarem comigo em todos os momentos ao longo do curso, pois sabemos que não foram dias, meses e anos fáceis, mas graças a Deus nós vencemos, e essa conquista não é somente minha, é nossa! Sem Deus e sem vocês eu não teria chegado até aqui.

Agradeço à minha orientadora Maria Fernandes de Andrade Praxedes, por todo apoio e dedicação, por me orientar, e me ajudar nesse momento tão importante da minha vida.

Agradeço a Eianny Cecília de Abrantes Pontes e Almeida e a Noara Queiroz de Medeiros por aceitarem participar da banca examinadora e contribuir com este trabalho.

Agradeço aos meus amigos e colegas em especial a Adna Kelly, Danielle Alves, Joseane Pereira, Natanna Naomy, Maria Izabel e Witalo Sousa, que sempre estiveram comigo em todos os momentos, me apoiaram, me ajudaram e incentivaram.

Agradeço a Universidade Estadual da Paraíba, em especial ao Campus IV, e a todos aqueles que fazem parte desta instituição, que se dedicam, que acolhem a cada aluno (a).

Agradeço a todos os docentes que fizeram parte desta trajetória, que compartilharam os seus conhecimentos comigo.

CHEGOU a desolação da primeira fome.
Vinha seca e trágica, surgindo no fundo
sujo dos sacos vazios, na descarnada
nudez das latas raspadas.

(Rachel de Queiroz)

RESUMO

As relações sempre fizeram parte da vida em sociedade, demarcando o lugar social dos indivíduos dentro de um sistema de poder que controla os grupos menos favorecidos, certamente o romance, *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, expõe de forma material a exploração de alguns personagens sobre aqueles em situação de vulnerabilidade provocada pela torrente seca de 1915. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo analisar a atuação das personagens da referida obra, atestando o poder dos personagens secundários sobre os protagonistas, que são marginalizados e explorados pelas classes dominantes. Este estudo se justifica pela relevância de observar os perfis das personagens periféricas, que se aproveitam da miserabilidade dos retirantes para explorar e tirar proveito diante das mazelas provocadas pela seca. Do ponto de vista metodológico, realizamos uma pesquisa bibliográfica amparada em algumas teorias que versam sobre questões sociais e as relações de poder, bem como a realidade da seca no Nordeste brasileiro. Para isto, recorreremos às reflexões de Albuquerque (2011), Candido (2010), Caminha (2010), Lafetá (1974), Ribeiro (2006), dentre outros. O resultado da pesquisa aponta que a negativa de ajuda por parte dos detentores do poder sobre a classe menos favorecida potencializou a situação de pobreza e abandono das vítimas da seca, que passaram também a ser vítima dos governantes e de outros agentes sociais. Esperamos que este trabalho possa contribuir para o debate sobre o romance de Rachel de Queiroz, estimulando a curiosidade sobre os personagens que se escondem por trás da miséria dos protagonistas que enfrentam o rigor da seca no Nordeste, especificamente no estado do Ceará.

Palavras-chave: O Quinze; Relações de poder; Exploração; Abandono.

ABSTRACT

Relationships have always been part of life in society, demarcating the social place of individuals within a system of power that controls less favored groups, certainly the novel, *O Quinze*, by Rachel de Queiroz, materially exposes the exploration of some characters about those in a situation of vulnerability caused by the dry torrent of 1915. In this sense, the present work aims to analyze the performance of the characters of that work, attesting to the power of secondary characters over the protagonists, who are marginalized and exploited by the ruling classes. This study is justified by the relevance of observing the profiles of peripheral characters, who take advantage of the misery of the migrants to explore and take advantage of the ills caused by the drought. From a methodological point of view, we carried out a bibliographical research supported by some theories that deal with social issues and power relations, as well as the reality of drought in the Brazilian Northeast. For this, we resort to the reflections of Albuquerque (2011), Candido (2010), Caminha (2010), Lafetá (1974), Ribeiro (2006), among others. The result of the research indicates that the refusal of aid by the holders of power over the less favored class increased the situation of poverty and abandonment of the victims of the drought, who also became victims of the rulers and other social agents. We hope that this work can contribute to the debate about Rachel de Queiroz's novel, stimulating curiosity about the characters who hide behind the misery of the protagonists who face the severity of the drought in the Northeast, specifically in the state of Ceará.

Keywords: The Fifteen; Power relations; Exploration; abandonment.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 A SECA E A POLÍTICA DO ABANDONO NO NORDESTE.....	12
2.1 Rigor e deslocamento social.....	12
2.2 Fome e violência nos campos de concentração	14
3 RACHEL DE QUEIROZ E A CRÔNICA DA SECA NO NORDESTE	21
3.1 Alguns aspectos sobre a autora	21
3.2 Aspectos sobre a obra.....	22
3.2.1 O conto de Chico Bento e família	24
3.3 O quinze e as relações de poder e as desigualdades sociais.....	27
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS.....	36

1 INTRODUÇÃO

A negligência e os descasos dos governantes com a Região Nordeste ainda são perceptíveis, embora muita coisa tenha mudado, o povo dessa localidade passa por inúmeras privações de direitos às políticas públicas voltadas para a educação, habitação, saúde, trabalho e cultural. Além disso, observa-se o desinteresse e o preconceito, por parte daqueles que se mantinham (e se mantém) no poder contra essa população, hostilizada e estigmatizada pelas elites e burguesias dominantes da própria região e de outras regiões do Brasil. Essa realidade de domínio e exploração se concretiza quando os recursos, que deveriam ser destinados ao combate à pobreza e a seca no Nordeste são desviados para outros fins, favorecem exclusivamente aos interesses das camadas socialmente privilegiadas. Essa desordem corrobora cada vez mais com a miséria daqueles desprovidos de bens materiais e oportunidades de trabalho digno e remunerado de forma justa.

O fenômeno da seca e as dificuldades enfrentadas pelo povo nordestino durante os períodos de seca e estiagem são questões pontuadas pela literatura brasileira, especialmente pelos escritores, Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos, que estetizam o sofrimento dos retirantes que fogem da situação de abandono e miséria na terra natal e buscam melhores condições de vida em outras regiões do país. O romance, *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, evidencia as relações de poder, domínio, abusos e exploração da inópia humana, representada pelos protagonistas que simbolizam a classe pobre e trabalhadora dos sertões nordestinos, refém do Estado e do controle dos grandes latifundiários e fazendeiros, disfarçados de patrões e benfeitores dos flagelados da seca.

Com base na perspectiva de domínio e controle sobre o homem trabalhador, que luta pelo sustento de sua família, exercendo atividades laborais, muitas vezes, desumanas, as representações sociais postas na obra de Rachel de Queiroz, denunciam os desmandos das políticas de assistencialismos à seca no Nordeste, e como a classe dominante desvia e se apropria dos recursos que deveriam sanar, ou minimizar o sofrimento das pessoas que viveram (e ainda vivem) a dura realidade da escassez de chuvas na referida região, bem como a dificuldade de acesso às alternativas de sobrevivência, expondo os personagens a condições de animais.

Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo discutir as relações de poder que são efetivadas pelos personagens secundários sobre os protagonistas, aqueles que vivem as mais laboriosas situações de pobreza e miséria durante o período de seca no Nordeste, cuja problemática se configura no processo de negligência, que nega ajuda e prejudica a vida dos retirantes sertanejos. Dessa forma, os personagens secundários influenciam nas ações que determinam a vida dos protagonistas.

A partir dessas compreensões, esta pesquisa se justifica pelo interesse pessoal da pesquisadora sobre os perfis desses personagens, e de como eles se relacionam no cerne da narrativa, para demarcar o lugar-comum de cada um dentro do universo ficcional da escritora cearense. Desse modo, as relações de classe em *O Quinze* refletem os meios de sobrevivência dos retirantes diante do contexto da seca do Nordeste, suas ações e como lidam com as dificuldades causadas pela seca na região em que habitam, destacando as questões sociais e a psique dos personagens diante da miserabilidade, especialmente nos campos de concentração, verdadeiros cárceres de exploração, abusos e degradação à dignidade do homem.

A metodologia adota para a realização deste trabalho é de natureza bibliográfica, pela qual buscamos respaldo teórico sobre a temática em discussão, observando posicionamentos e reflexões acerca da seca no Nordeste e das condições de vida da população mais vulnerável durante o período de estiagem das chuvas na referida região. Para isto, recorreremos às contribuições de Albuquerque (2011), Candido (2010), Caminha (2010), Lafetá (1974), Queiroz (2012), Ribeiro (2006), que versam sobre desigualdade social, relação entre literatura e sociedade, as desordens e as fraudes das políticas públicas e dos recursos destinados ao combate da seca e da fome no Nordeste, além da exploração do trabalho e da ausência de leis que garantam condições laborais a população que sofre com a escassez das chuvas e falta de assistência do Estado e a exploração das classes dominantes, que exercem o poder sobre as camadas marginalizadas do Brasil.

Este trabalho está estruturado da seguinte forma: no primeiro momento buscamos contextualizar alguns aspectos históricos da seca no Nordeste, a fim de compreendemos as formas de representação no romance *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, no qual a autora denuncia e critica os modelos da política de assistencialismo, as formas de exploração, desigualdade e abandono do povo despossuído de seus direitos frente a uma sociedade desigual e excludente, liderada

por um pequeno grupo elitizado que determinam suas próprias leis perante os menos favorecidos.

No segundo momento apresentamos breves considerações sobre a autora e sua obra, destacando a importância de Rachel de Queiroz para a literatura brasileira, principalmente no contexto do modernismo, um movimento literário mais preocupado com as temáticas sociais, sobretudo as desigualdades e a exploração do trabalho e a segregação de direitos trabalhistas. Além disso, consideramos importante destacar o empenho da escritora cearense com a causa dos menos favorecidos, com a imigração da população e com a miséria que tira a dignidade de uma gente trabalhadora e honesta, submetida a situações de humilhações e abusos de poder, sem oportunidade de subverter a desordem a que é submetida.

No terceiro momento expomos a leitura do romance, com foco nas relações de poder estabelecidas pelos personagens secundários sobre os protagonistas, aqueles que vivem a experiência ácida da seca, da fome e da miséria no Nordeste nos repelentes períodos de escassezes de chuvas, trabalhos, e ajuda dos governantes para reduzir as condições de miserabilidades do povo nordestino, prisioneiro do poder e do controle das classes dominantes, evidenciando a invisibilidade da população pobre da Região Nordeste.

2 A SECA E A POLÍTICA DO ABANDONO NO NORDESTE

2.1 Rigor e deslocamento social

Quando se fala na Região Nordeste e no povo nordestino, normalmente, a reminiscência é uma gente sofrida, esquecida por todos, sempre vista pelo viés da fome, da miséria, dos retirantes, que ao longo dos anos resistiram a grandes secas nos áridos sertões nordestinos. Embora as intempéries estejam ligadas também a questões climáticas, fenômenos naturais, muitas vezes provocados pela ação do homem sobre a natureza, a falta de financiamento e de incentivo à agricultura potencializa cada vez mais a fome e a miséria no Nordeste brasileiro. O descaso por parte do governo em não oferecer recursos públicos capazes de atender a demanda da população em algumas regiões mais atingidas pela escassez de água provoca situações de flagelo, intensificando a desigualdade social e a invisibilidade do homem sertanejo, castigado pela seca.

A realidade da seca no Nordeste é histórica, e não há como apagar da memória, sobretudo de quem experienciou e ainda vive o tormento da estiagem. Os nordestinos até hoje carregam o estigma de um povo miserável, raquítico, de baixa estatura. Além disso, é uma gente rotulada de cabeça-chata e de aparência estranha, estereótipos disseminados pelas elites de outras regiões do Brasil, principalmente Sul e Centro-Oeste. De acordo com Albuquerque:

Até meados da década de 1910, o Nordeste não existia. Ninguém pensava em Nordeste, os nordestinos não eram percebidos, nem criticados como uma gente de baixa estatura, diferente e mal adaptada. Aliás, não existiam. As elites locais não solicitavam, em nome dele, verbas ao Governo Federal para resolver o problema de falta de chuvas, da gente e do gado que morriam de fome e de sede [...] (ALBUQUERQUE, 2011, p.13).

Desde muito tempo a região não era reconhecida como merecia e necessitava, o povo nordestino era invisível, sem notoriedade, ignorado socialmente. O abandono dos nordestinos diante do enfrentamento das secas era proeminente, os governantes se aproveitam da miserabilidade das pessoas flageladas para praticar a chamada indústria da seca no Nordeste, um meio de explorar cada vez mais os pobres com promessas, a fim de conquistar votos e mão de obra barata. Muitas famílias deixavam a sua terra natal com a esperança de dias melhores em

outras regiões do Brasil, a fuga era uma utopia, pois quando chegavam aos grandes centros urbanos do Sul ou Centro-Oeste se deparavam com a exploração e as condições de trabalho inumanas e, quase sempre, o que ganhavam mal dava para o alimento básico.

Aqueles que insistiam e resistiam ao período de estiagem eram submetidos a situações vexatórias, ao trabalho escravizado pelos donos de fazendas. Era um período de trabalho forçoso nas terras dos grandes latifundiários, em troca de um pouco de comida para saciar a fome dos filhos. Quando passava a dureza da seca, faltavam condições para armazenar corretamente a água das chuvas, para que pudesse ser utilizada durante o período de estiagem. Nesse sentido, a má distribuição hídrica e a falta de investimento do poder público alargava cada vez mais o estado decadente do povo nordestino.

Motivados pela falta de oportunidade, os sertanejos buscavam sozinhos meios para sobreviver, muitas vezes, a única saída que encontrava era a migração para outras regiões como o Sul ou Centro-Oeste, regiões mais desenvolvidas. Alguns saíam a pé e viajavam dias e noites nas estradas até chegarem ao seu novo destino, sem que houvesse qualquer ajuda para o deslocamento e a sobrevivência no percurso da viagem. Cabe enfatizar que muitas famílias perdiam parentes durante a exaustiva caminhada, expostos à fome, frio, cansaço e aos diferentes perigos das estradas, por causa disso, muitos morriam no percurso.

Ao longo da história de sofrimento provocado pelas secas no Nordeste, o povo dessa região não tinha voz, era passivo às condições, e mesmo que falasse, provavelmente, não era ouvido. O sofrimento, o lamento e o choro ficavam engasgados, silenciados em sua condição de pobres e oprimidos, cujos direitos foram usurpados pelas classes dominantes, que empreendiam o poder e controle sobre os desvalidos, vítimas de um poder público que pregava e ainda prega a desigualdade e a exclusão social.

O rigor da seca no Nordeste sempre atingiu a dignidade do homem pobre dos sertões nordestinos, subordinado à fome e aos fazendeiros, proprietários de terras, senhores de engenho entre outros, era obrigado a trabalhar de forma humilhante apenas para conseguir o mínimo para a sobrevivência. Quando não tinha condições física e financeira para buscar alternativas em outras regiões, recorria aos donos de terras para prestarem serviços em troca de alimentos, sob o regime de humilhação e exploração, muitas vezes, era demitido e entregue à própria sorte. A partir dessa

imaleabilidade, se iniciava o ciclo da miséria do nordestino, uma gente sofrida e sem reconhecimento, recorrendo a Deus pelo milagre das chuvas e, por vezes, suplicando ajuda àqueles que detêm o poder, um clamor cheio de humildade e desculpas, conforme enfatiza Albuquerque:

No nordeste só se fala com desespero e para suplicar chuva a Deus, recursos ao governo, investimentos, conhecimento e reconhecimento ao sul. A palavra do "nordestino" parece sempre ser consentida, fala-se quase já se pedindo desculpas pelo atrevimento. (ALBUQUERQUE, 2011, p. 258)

Castigados pela seca, e sem opção de trabalho, o povo nordestino se submetia a todo tipo de humilhação e, na maioria das vezes, se considerava importuno diante dos “doutores” da lei e do poder, se sentia inferior e tinha receio de reivindicar pelos seus direitos e ser reconhecido com cidadão. Um reconhecimento que, sumariamente, se manifestava em época de eleições e se perpetua, principalmente, nas cidades do interior dos estados nordestinos. Diante desse sentimento de aviltamento, resta ao flagelado da seca, a súplica a Deus, sem temor e coibição, fruto da fé do sertanejo, que no seu imaginário popular conhece os sinais da seca, e evoca o nome do Pai, para que atenda seu pedido.

2.2 Fome e violência nos campos de concentração

Quando sucedia os períodos de estiagem os nordestinos buscavam formas para sobreviver em sua região e salvar o que ainda lhes restava. Para isto, colhiam galhos de árvores, como juazeiros e cactos, plantas típicas do sertão do Nordeste, para alimentar os animais. As pestes nos rebanhos começavam a surgir, não havia condições para comprar mantimentos e muito menos para remédios, e com isso as pessoas eram atingidas diretamente, pois não conseguiam o sustento através dos animais, como leite e carne.

Diante das dificuldades vendiam os animais a preço bem inferior do mercado, eram obrigados a se desfazerem de suas rezes e criações para sobreviver por mais algum tempo no sertão. Quando não encontrava quem comprasse abandonavam e partiam em outra direção, a procura de outros meios para se manterem vivos. Havia situações, também, em que os pequenos proprietários de terras, sem condições de permanecerem em suas propriedades, partiam juntamente com os moradores em

busca de solução, do sonho de novas oportunidades de subsistência, pois na terra natal já não havia esperança, só seca e fome.

Com a escassez de alimentos, a falta de água potável para o consumo, as condições precárias de higiene, surgiam as doenças, principalmente a desnutrição e tuberculose, enfermidades que provocaram muitas mortes no Nordeste. Muito se ouviu falar sobre a migração para a Amazônia, na expectativa de encontrar trabalho na extração de látex para produção da borracha, e confiante na mudança de vida, o homem nordestino encontrava força para chegar ao estado, e isso fazia surgir os últimos vestígios de esperança na vida dos pobres retirantes que, em sua maioria, infelizmente, não conseguia concretizar o sonho de mudar de vida.

O cume da miserabilidade das pessoas que vivenciaram a seca no Nordeste em outrora, foi a construção de campos de concentração para tentar impedir a imigração, uma demonstração da desigualdade e do preconceito para com os nordestinos. O primeiro foi construído em decorrência da grande seca de 1915, no estado do Ceará, estes espaços foram construídos com o intuito de prender os imigrantes que chegavam ao estado em busca de ajuda, esses eram localizados em locais estratégicos nas rotas por onde chegavam à cidade de Fortaleza, cuja construção se deu no chamado Alagadiço. Vale ressaltar que, no Ceará, outros campos foram instalados, todos com a mesma intenção esconder os necessitados para que os grandes centros urbanos não tomassem conhecimento destes seres humanos, e das condições de vida que os mesmos enfrentavam no local.

Com isso, os governantes desejavam escondê-los a todo custo, pois a presença dos retirantes causava uma má impressão para a cidade, e havia o medo de que os mesmos fossem saquear as vilas e povoados em busca de alimentos. As necessidades eram imensas, pois devido à abundância de pessoas não havia alimento suficiente para todos, já que a distribuição dos pouquíssimos mantimentos que existia acontecia de forma desordenada, por isso não era interessante correr o risco dos flagelados saírem à procura de alimentos. Dessa forma, mantê-los nos campos de concentração poderia garantir que o restante da população ficasse tranquila e livre de qualquer perigo. Com isso, os detentores do poder e controle sobre os miseráveis, evitava expor os sertanejos devido ao estado de pobreza deplorável desses retirantes, que enchiam as cidades, vilas, conforme expõe Ribeiro:

A presença desses excedentes humanos revela-se de forma dramática por ocasião das secas que assolam periodicamente a região. Então, levas de flagelados emergem do sertão esturricado pela seca e pelo sol causticante, enchendo, primeiro, as estradas, depois as vilas e cidades sertanejas com a presença sombria de sua miséria. (RIBEIRO, 2006, p. 348)

Os menos favorecidos, ao imigrarem, passavam por diversas situações de exclusão social, humilhações, negligências por parte do governo, que na maioria das vezes, se apropriava de forma inadequada e ilegal dos recursos que eram destinados para os mais necessitados, vítimas das secas. Ao desviar os recursos financeiros, acabavam consolidando as condições de pobreza e miséria dessa população, sobre esse aspecto Ribeiro vem expor que por muito tempo esses benefícios que deveriam ser destinados aos humildes, iam para nas mãos daqueles que detinham o poder:

Entre o poder federal e a massa flagelada pela seca medeia, porém, a poderosa cama da senhorial dos coronéis, que controla toda a vida do sertão, monopolizando não só as terras e o gado, mas as posições de mando e as oportunidades de trabalho que enseja a máquina governamental. São os grandes eleitores dos deputados, senadores e governadores, os manipuladores das autoridades municipais e estaduais, que sempre solícitas em atendê-los e dispostas a tudo fazer para emprestar congruência e amplitude à autoridade fazendeira, estendendo-a sobre toda a região. Esses donos da vida, das terras e dos rebanhos agem sempre durante as secas, mais comovidos pela perda de seu gado do que pelo peso do flagelo que recai sobre seus trabalhadores sertanejos, e sempre predispostos a se apropriarem das ajudas governamentais destinadas aos flagelados. Assim, a ordem oligárquica, que monopolizara a terra pela outorga oficial das sesmarias durante a época colonial, continua conduzindo, segundo seus interesses, as relações com o poder público, conseguindo, por fim colocar até mesmo as secas a seu serviço e fazer delas um negócio. (RIBEIRO, 2006, p. 348)

De acordo com o excerto acima, a seca no Nordeste era uma espécie de negócio vantajoso para os donos de terras, que negociavam o desvio dos recursos com os governantes em troca de favores políticos. Esses sujeitos estabeleciam uma relação de poder sobre os mais necessitados, que eram facilmente manipulados por essas elites, que se aproveitavam da hierarquia social, financeira e da influência com os políticos da região como deputados, senadores e prefeitos, para dominar e firmar a hierarquia sobre uma classe subalterna e desvalida. Com isso, sempre se

beneficiavam a custa dos pobres, fazendo das suas calamidades um instrumento de lucro, pois tomavam posse das verbas destinadas para os mais castigados pelas secas, tornando assim um negócio lucrativo, enriquecendo cada vez mais com a miséria alheia.

Considerando que a literatura estabelece uma estreita relação com a sociedade, Rachel de Queiroz expõe um pouco sobre a miséria do povo nordestino durante a seca que castigou a região, mais especificamente no ano de 1915 no estado do Ceará, retratando também os campos de concentração no romance *O Quinze*. A autora aponta a forma desumana em que se encontravam os retirantes ao chegarem nesses espaços de confinamento, os chamados "currais do governo" que aprisionava as vítimas das secas. Com isso, a cearense denuncia as condições de vida dessa gente sofrida encarcerada num ambiente animalesco, e critica o descaso do poder público com os flagelados das secas no Nordeste do Brasil, submetidos a condições de vida subumana, conforme fragmento que segue, quando a personagem Conceição cruza com o campo de concentração:

CONCEIÇÃO atravessava muito depressa o Campo de Concentração. Às vezes uma voz atalhava: — Dona, uma esmolinha... Ela tirava um níquel da bolsa e passava adiante, em passo ligeiro, fugindo da promiscuidade e do mau cheiro do acampamento. Que custo, atravessar aquele atravancamento de gente imunda, de latas velhas, e trapos sujos! (QUEIROZ, 2012, p. 35-36)

Observa-se, por meio deste excerto, que os recursos destinados aos flagelados eram distribuídos de forma desordenada, e isso provocava o aumento das necessidades dessa gente que pela natureza da fome já era tão sofrida. Devido à falta de alimentos e de cuidados com a higiene do local, o espaço onde era aglomerado os famintos tinha mau cheiro, causando repugnância naqueles que por ali passavam, um modelo factual de miséria e vulnerabilidade social, um local que cada um se adaptava do seu modo, de acordo com o pouco que recebia. Com isso, Queiroz evidencia como a personagem Conceição se sentiu ao sair daquele ambiente tão infeliz e cruel:

Quando transpôs o portão do Campo, e se encostou a um poste, respirou mais aliviada. Mas, mesmo de fora, que mau cheiro se sentia! Através da cerca de arame, apareciam-lhe os ranchos disseminados ao acaso. Até a miséria tem fantasia e criara ali os gêneros de habitação mais bizarros. (QUEIROZ, 2012, p. 36)

Conforme é exposta à realidade do local, nota-se a desigualdade social, a exclusão, o esquecimento dos retirantes, pessoas vítimas daqueles de detém o poder, que poderiam auxiliá-los, no entanto, realizam desvios das verbas destinadas para os mesmos, com esse ato desonesto e cruel, o dinheiro é usado para atender as exigências dos ricos e afortunados.

Nos referidos campos de concentração se estabeleciam as relações de poder e controle, alicerçadas pelas promessas e utopias, com o intuito de manter essas pessoas no ambiente e impedir a migração. Para segurar os retirantes nos espaços aglomerados, prometiam trabalhos, melhores condições de vida, comida, água, cuidados médicos, medicamentos e um lugar para morar temporariamente. No entanto, o número de pessoas que chegava aos campos era altíssimo, e os recursos que seriam distribuídos não eram suficientes para todos, não havendo, contudo, como manter em boas condições aqueles que chegavam diariamente, com os mais variados problemas de doenças, que levavam um grande número a morte diariamente. Deste modo, Queiroz patenteia as dificuldades e as mortes que ocorriam frequentemente nesses espaços de confinamento, sobretudo a morte de crianças:

CONCEIÇÃO passava agora quase o dia inteiro no Campo de Concentração, ajudando a tratar, vendo morrer às centenas as criancinhas lazentas e trôpegas que as retirantes atiravam no chão, entre montes de trapos, como um lixo humano que aos poucos se integrava de todo no imundo ambiente onde jazia. (QUEIROZ, 2012, p. 70)

Essas descrições são impactantes, mas se configuram com a representação da realidade das famílias nos campos de concentração, ambiência de fome, doenças, abandono e morte. De acordo com a exposição do narrador, as pessoas são comparadas ao lixo humano, sem as mínimas condições de vida, expostas a todo tipo de enfermidade, morriam e eram amontoadas num ambiente esburco. A personagem Conceição, mulher empoderada, e sensível com o sofrimento dos famintos, passava a maior parte do tempo ajudando as pessoas enfermas, presenciando centenas de mortes de crianças inocentes, vítimas da crueza da seca e do poderio das classes dominantes.

Depois de muito penar, para tentar amenizar o drama durante o período da seca na Região Nordeste foram criadas algumas políticas públicas através do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS). Contudo, não foram

tão eficientes como deveriam ser, pois os recursos que eram destinados a beneficiar os pobres e necessitados, eram desviados e acabavam nas mãos de quem detinha o poder e condições socialmente privilegiadas, e isso precarizava cada vez mais as condições de vida do povo nordestino. De acordo com Albuquerque, o desenvolvimento tão esperado foi frustrado, pois mesmo quando:

São criadas políticas compensatórias, como o DNOCS e o IAA, instituições destinadas a falar em nome deste espaço e a distribuir migalhas que caem do céu do Estado indo para nos bolsos dos grandes proprietários de terra e empresários, funcionando como incentivos a uma obsolescência tecnológica e uma crescente falta de investimentos produtivos. Isto torna o Nordeste a região que praticamente vive de esmolas institucionalizadas através de subsídios, empréstimos que não são pagos, recursos para combater à seca são desviados e isenções fiscais. (ALBUQUERQUE, 2011, p. 88)

O Nordeste durante muito tempo foi explorado pelas classes dominantes, que subtraíram os recursos destinados ao combate da seca e da fome na região, usurpando a dignidade do povo humilde, trabalhador e honesto, e nutria esperança no progresso da região, castigada pela seca, exploração, desonestidade e abandono. Por outro lado, a imagem passada pelos meios de comunicação e pelo imaginário das classes dominantes era de um povo ineficiente, maltrapilho, preguiçoso, ou seja, associado a tudo de ruim que existia, quer fosse com relação à região ou com os habitantes, o foco era apenas nos aspectos negativos.

Nesse sentido, “o Nordeste e o nordestino miserável, seja na mídia ou fora dela, não são produtos de um desvio de olhar ou fala, de um desvio de funcionamento do sistema de poder, mas inerentes a este sistema de forças e dele constitutivo” (ALBUQUERQUE, 2011, p. 31). Ainda de acordo com este autor, “o próprio Nordeste e os nordestinos são invenções destas determinadas relações de poder e do saber a elas correspondentes” (Ibidem). O olhar torto e discriminatório, na maioria das vezes, inverte os valores dos nordestinos, expondo-os como seres que na verdade não são, e só existem no imaginário preconceituoso das elites do Brasil, e “tentar superar este discurso, estes estereótipos imagéticos e discursivos acerca do Nordeste, passa pela procura das relações de poder e de saber que produziram estas imagens e estes enunciados clichês, que inventaram este Nordeste e estes nordestinos” (Ibidem).

No romance *O Quinze*, Rachel de Queiroz, traz como temática central a seca como um dos focos principais da narrativa, revelando a luta de um povo pela sobrevivência, um problema que se tornou um dos maiores responsáveis pela redução da população de determinadas regiões do Nordeste, principalmente nos sertões nordestinos. A cidade de Quixadá no estado do Ceará é o ambiente ficcional de uma história de seca, pobreza, miséria e exploração, conforme veremos mais adiante quando analisaremos alguns aspectos do referido romance, sobretudo as relações de poder exercidas por alguns personagens sobre os outros, os protagonistas.

3 RACHEL DE QUEIROZ E A CRÔNICA DA SECA NO NORDESTE

3.1 Alguns aspectos sobre a autora

Rachel de Queiroz (1910-2003), nascida em Fortaleza, Ceará, importante escritora, tradutora, jornalista e teatróloga, pertencente à geração modernista de 1930, período que fez eclodir vários escritores e obras de grande importância, conforme reconhece Lafetá ao afirmar que: “é fato que a década de 30 deu-nos algumas das obras mais realizadas e alguns dos escritores mais importantes da literatura brasileira.” (LAFETÁ, 1974, p. 31). Os romances de Rachel ficaram conhecidos como “romance nordestino”, este tipo de romance teve início com a publicação da obra *A Bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida e *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz. Os escritores dessa geração estavam preocupados em apontar as injustiças e desigualdades cometidas no país, mais precisamente contra o povo nordestino, por meio de uma literatura ficcional e crítica, Queiroz foi também uma importante cronista brasileira, escreveu e publicou inúmeras crônicas. Sobre essa literatura de caráter regionalista e temática política de Rachel de Queiroz, Candido lembra que:

O “romance nordestino” conquistou a opinião do país a partir de *A bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida (1887-1980), e *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz (n. 1910). Enquanto aquele teve apenas o mérito da precedência, este se sustenta ainda hoje pela força do estilo simples e expressivo, que revelou uma escritora cujo grande talento foi confirmado pelos livros posteriores: *João Miguel* (1932), também de assunto regionalista, *Caminho de Pedra* (1937), sobre as lutas políticas de esquerda, *Três Marias* (1939), excelente análise da adolescência feminina. Rachel de Queiroz tornou-se mais tarde uma praticante notável da “crônica”, gênero literário muito popular no Brasil, consistindo num pequeno artigo sobre qualquer assunto, em tom coloquial, procurando estabelecer com o leitor uma intimidade afetuosa que o leva a se identificar à matéria exposta. (CANDIDO, 2010, p.86-87)

De acordo com a compreensão do crítico literário, Rachel de Queiroz surge como uma exímia cronista do seu tempo, expondo também suas experiências de vida no seu fazer literário. Notadamente, a escritora cearense se destacou e ganhou visibilidade pela qualidade de sua obra, foi a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras em 1977, e a primeira mulher galardoada com o Prêmio Camões, um dos maiores prêmios literários concedidos pelo reconhecimento

da qualidade literária de um autor e de uma autora. Ser mulher e ocupa um lugar de destaque na literatura é considerado um feito, pois trata-se de um campo de atuação expressivamente dominando pelos escritores homens.

Cearense de nascimento, Rachel de Queiroz imigrou com sua família para o Rio de Janeiro, em 1917, e em seguida para o estado do Pará, fugindo das torrentes secas que afligiam os sertões do estado do Ceará desde 1915. A estadia da família Queiroz nesses outros estados demorou pouco, e em 1919 retornou para Fortaleza, pois o patriarca não se adaptou fora de sua terra natal, e como homem do campo, volta para tomar posse de suas raízes sertanejas, conforme destaca Caminha no excerto abaixo:

Em 1917, mudam-se os Queiroz para o Rio de Janeiro, e, logo depois, para Belém do Pará, onde permanecem dois anos, até que o Dr. Daniel se decide por voltar de vez para o Ceará, em nome da vocação que sempre desejara assumir em tempo integral: a de homem da terra, dono da Fazenda do Junco, nos sertões de Quixadá. (CAMINHA, 2010. p.7)

Após o retorno para Fortaleza, Rachel ingressou no Colégio Imaculada Conceição em 1921, diplomando-se professora, em 1925, com apenas 15 anos. Em 1930, publicou seu primeiro e principal romance, *O Quinze*, com o qual ganhou o prêmio da Fundação “Graça Aranha” (1931). Rachel foi aclamada pela crítica e pelos simpatizantes, por isso, segundo Caminha, “[...] às considerações elogiosas de notáveis como Augusto Frederico Schmidt, Mário de Andrade e Agrippino Grieco se acrescesse o prêmio de romance da Fundação Graça Aranha, entregue à escritora no Rio de Janeiro, em 1931.” (CAMINHA, 2010, p.11-12). *O Quinze*, uma obra de caráter realista, apresenta narrador onisciente, que está fora da história, mas que gradualmente se insere na intimidade dos personagens.

3.2 Aspectos sobre a obra

O romance *O Quinze* evidencia a luta de um povo contra a miséria durante a seca no Nordeste do Brasil, a saga dos retirantes que, em virtude da seca e da exploração são colocados às margens, excluídos socialmente pela classe dominante que determina o lugar dos pobres e ricos. Cabe ressaltar que o referido romance não foi aceito de imediato, pois havia quem questionasse a autoria, consideraram

que pela qualidade da obra não poderia ter sido escrita por uma mulher, uma evidente demonstração do preconceito e discriminação contra a mulher, como incapaz de produzir literatura de excelência, atributo destinado único e exclusivamente aos homens. Foi cogitada, então, a possibilidade de que o romance *O quinze* tivesse sido escrito pelo pai de Rachel de Queiroz, Daniel de Queiroz, que estaria utilizando o nome feminino como um pseudônimo, conforme descreve Caminha sobre o estranhamento e a desconfiança em torno da autoria do romance:

A obra surpreende e causa estranheza: Graciliano Ramos admitiria, mais tarde, que “Rachel de Queiroz” lhe parecera um pseudônimo – não de escritora, mas de homem, tal a dureza humana e a experiência de vida com que o romance impressiona o leitor. Havia quem dissesse, no Ceará, que o verdadeiro autor do trabalho era Daniel de Queiroz, ou que teria sido ele, pelo menos, a figura incógnita a aperfeiçoar o texto da filha... O fato é que a literatura de Rachel não se mostra “feminina” – ante o modelo a que, para alguns, devem submeter-se as mulheres –, mas escrita por alguém que sabe fazê-lo, ao contar (e escrever) bem uma história. Já no primeiro livro, a cearense prova dominar os três elementos principais da ficção de longo curso: a composição dos personagens, o desenvolvimento da narrativa e o trabalho com o tempo. (CAMINHA. 2010. p.10-11)

Evidencia-se por meio desse trecho o preconceito contra a escritora por ela ser mulher, alguns escritores a consideraram incapaz de escrever com qualidade devido a pouca idade de Rachel e a habilidade de sua escrita, dominando os elementos da ficção, causou estranhamento, pois isto era considerado uma habilidade de uma pessoa com mais experiência de vida, com muitas obras publicadas, para obter características próprias, algo particular de quem já está habituado a escrever, por ser o primeiro romance publicado acreditavam que a autora não possuía tanta capacidade em escrever de forma tão profunda e marcante, que os autores com pouca experiência não conseguiram trazer a tona a realidade das secas, de uma forma que impactasse os leitores, e a mesma conseguiu escrever com muita maestria.

A autora conta com uma vasta produção literária de grande destaque e importância, as suas vivências e experiências foram mais tarde transformadas em livros importantíssimos. Rachel de Queiroz transformou as lembranças do passado e acontecimentos do tempo presente em obras memoráveis sobre as temáticas sociais e a precariedade da vida diante das desigualdades, discriminação, exploração e

segregação de direitos do povo mais humildade do Nordeste. A obra de Queiroz desenha as experiências de vida de sua família, os acontecimentos vividos pela própria autora, as mazelas provocadas pelas grandes secas nos sertões do Ceará. As memórias, os relatos de outrem e o olhar atento às questões sociais do Brasil possibilitaram à escritora escrever com propriedade, ainda na sua juventude, pois, “Mal vencida a adolescência, Rachel transformaria aquelas fortes lembranças na literatura de *O Quinze*, como os cearenses se referiam ao flagelo por que passaram naquele ano.” (CAMINHA, 2010, p. 7).

3.2.1 O conto de Chico Bento e família

O Quinze, de Rachel de Queiroz, conta a trajetória e a saga do personagem Chico Bento e sua família. Protagonista da narrativa e da miséria que assola o povo sertanejo durante o período da estiagem, Chico Bento é demitido de seu emprego de vaqueiro devido à seca de 1915, por isso se vê obrigado a migrar em busca de condições melhores para sobreviver. Ao longo do romance o personagem, juntamente com sua família enfrenta inúmeras situações adversas: fome, violência, humilhações, exclusão social, e a sujeição aos mais ricos em troca de alguns recursos para escapar da fome e das necessidades diárias. A fome emerge como personagem no referido romance, pois a condição de miserabilidade dos personagens é decorrente da busca pelo alimento para saciar a fome. Conforme se constata no fragmento abaixo:

E o vaqueiro, batendo com o cacete no cabo da faca, abriu ao meio a criação morta. Mas Pedro, que fitava a estrada, o interrompeu: — Olha, pai! Um homem de mescla azul vinha para eles em grandes passadas. Agitava os braços em fúria, aos berros: — Cachorro! Ladrão! Matar minha cabrinha! Desgraçado! Chico Bento, tonto, desnortado, deixou a faca cair e, ainda de cócoras, tartamudeava explicações confusas. O homem avançou, arrebatou-lhe a cabra e procurou enrolá-la no couro. Dentro da sua perturbação, Chico Bento compreendeu apenas que lhe tomavam aquela carne em que seus olhos famintos já se regalavam, da qual suas mãos febris já tinham sentido o calor confortante. E lhe veio agudamente à lembrança Cordulina exânime na pedra da estrada... O Duquinha tão morto que já nem chorava... Caindo quase de joelhos, com os olhos vermelhos cheios de lágrimas que lhe corriam pela face áspera, suplicou, de mãos juntas: — Meu senhor, pelo amor de Deus! Me deixe um pedaço de carne, um taquinho ao menos, que dê um caldo para a

mulher mais os meninos! Foi pra eles que eu matei! Já caíram com a fome!... — Não dou nada! Ladrão! Sem-vergonha! Cabra sem-vergonha! A energia abatida do vaqueiro não se estimulou nem mesmo diante daquela palavra. Antes se abateu mais, e ele ficou na mesma atitude de súplica. E o homem disse afinal, num gesto brusco, arrancando as tripas da criação e atirando-as para o vaqueiro: — Tome! Só se for isto! A um diabo que faz uma desgraça como você fez, dar-se tripas é até demais!... (QUEIROZ, 2012, p. 41)

Neste sentido, o caos provocado pela fome desencadeia uma série de acontecimentos catastróficos, a perda dos filhos do personagem se configura como uma das tragédias no romance, inclusive a morte por envenenamento com mandioca-brava, ingerido pelo filho que já não aguentava a fome, e morre agonizando, sem que os pais pudessem fazer nada para salvá-lo. Isto reflete os problemas de ordem social enfrentados pela família de Chico Bento, representando as milhares de famílias no Nordeste que morreram ou perderam seus entes queridos para a fome, por falta de assistência dos governos e das elites brasileiras.

Após a morte do menino Josias, a mãe estava cada dia mais triste, e sem esperanças de conseguir chegar ao novo lugar, tanto por dificuldades que vinham sendo enfrentadas no caminho, como por saudades do filho. Mas, apesar de todo o sofrimento que ambos enfrentavam no percurso, a personagem Cordulina mãe do menino, preferia vê-lo vivo, chorando ao seu lado lhe pedindo comida, discutindo com os outros irmãos. O segundo filho, Pedro, desapareceu no caminho quando se juntou a outros retirantes e os pais não o encontraram mais, procuraram por vários lugares sem sucesso, a perda dos filhos é o apogeu do drama vivido pelo casal, que saíra de sua terra natal, fugindo da seca, com a esperança de encontrar trabalho e abrigo em outras terras longínquas, mas só se depara com tragédia, desespero, fome, humilhação e dor.

Sem saída, entregues a própria sorte e piedade dos outros, Chico Bento e a esposa vão até o delegado solicitar ajuda para encontrar o filho desaparecido. O chefe da polícia enviou homens para tentar encontrar a criança, mas as buscas foram em vão, com o fracasso das buscas, Chico Bento perde a esperança e desiste de procurá-lo, para retomar a sua viagem. Esse momento é bastante tenso, pois o leitor se choca com o fato do casal seguir a viagem e deixar para trás o único filho que lhe restara na peregrinação em busca do sonho de conseguir uma vida digna, onde pudesse trabalhar e viver do seu esforço, sem precisar se humilhar para conseguir o que comer e alimentar seus filhos. Para amenizar a dureza da viagem, o

delegado, que era compadre da família, conseguiu as passagens de trem, alguns alimentos e roupas, para que o casal pudesse continuar a viagem e chegar até Fortaleza.

Isto posto, percebe-se a necessidade da família de Chico Bento, pois não possuíam nenhuma condição para comprar alimentos, tampouco para as passagens ou roupas, a difícil situação foi um pouco amenizada após a ajuda do delegado, que por não conseguir fazer muito por eles, fez o mínimo que podia e isto os ajudou a chegar até a capital. Ao chegar a Fortaleza, a família de Chico Bento vai para o campo de concentração, um ambiente destinado aos flagelados da seca, apesar das condições deprimentes do lugar, o casal encontra apoio emocional em Conceição, professora e voluntária no referido campo, mais tarde ela se torna madrinha do filho mais novo do casal de retirantes. Sensibilizada com a situação da criança, a professora pede ao compadre para deixar o filho com ela, já que eles vão para São Paulo, “[...] — Por que vocês não vão para São Paulo? Diz que lá é muito bom... Trabalho por toda parte, clima sadio... Podem até enriquecer... O vaqueiro levantou os olhos, e concordou, pausadamente — É... Pode ser... [...]” (QUEIROZ, 2012, p. 60) sem muita alternativa e pensando no melhor para Duquinha, o casal parte para o Sul do país, deixando a criança com a madrinha. Conforme expõe o trecho a seguir

Numa das vezes em que foi buscar as sobras de comida que dona Inácia lhe guardava, Cordulina levou o Duca, com a camisinha lavada, escanchado ao quadril, tão triste e tão magro que não tinha para onde descarnar mais, e petrificadas as feições numa careta de choro, parado e sem voz. Conceição, vendo-a entrar, gritou alegremente: — Foi de vez, comadre? Agora não leva mais! Pobrezinho de meu afilhado! Que é que tem dentro dessa barriga tão inchada, Manuel? Mas, mal o quis tomar ao colo, o pequeno acentuou hostilmente a careta chorona e agarrou-se à mãe, incrustrando-lhe no ombro a sua pequena garra enegrecida. Com muito custo, Cordulina o pôs no chão. [...] E para que ele a não visse sair, a mãe, [...] retirou-se escondida, passando pela alcova. (QUEIROZ, 2012, p. 57)

Dessa forma, Rachel de Queiroz retrata a vida factual dos retirantes nordestinos, que fogem da seca na esperança de encontrar um pouco de paz para a alma e o corpo, mas a vida longe da terra natal não é nada fácil, pois o sonho de mudança se transforma em pesadelo. Se antes eram submetidos a fome e ao abandono nas terras nordestinas, longe delas vão conhecer o pior lado da

humanidade: o poder das classes dominantes, questões que serão debatidas na próxima seção.

3.3 O quinze e as relações de poder e as desigualdades sociais

No que se referem às relações de classes, há muitas divisões e desigualdades sociais em *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, sobretudo nas relações estabelecidas entre patrões e empregados, fazendeiros e caseiros, entre proprietários de terras e senhores donos de fazendas, ambiente este onde a maioria dos personagens mais marginalizados e pobres, enviados para fazer alguns serviços, e com o trabalho, muitas vezes, forçoso, recebiam algum pagamento para comprar alimentos. Sem alternativa, os retirantes eram obrigados a todo tipo de exploração, incapazes de subverterem as humilhações, parece restar aos flagelados a clemência por comida e sobrevivência. O foco da narrativa é, pois, a preocupação, o medo e a luta contra o antagonismo da vida, dividido entre o campo e a cidade os personagens tendem a buscar ajuda do governo, mas não conseguem, evidenciando uma clara demonstração do descaso do Estado com o problema da seca e da fome no Nordeste, nos períodos de extrema escassez de chuva.

Em determinadas situações os empregados criavam animais nas terras dos patrões como forma de pagamento pelos serviços prestados nas propriedades, com isso estavam sujeitos como sempre a obedecerem a seus chefes. Quando chegavam os períodos de estiagens, alguns fazendeiros paravam de investir em seus rebanhos, e se houvesse vendas para estes, o negócio seria feito, ao contrário, abandonavam os bichos e também os empregados. Como serviçais nas fazendas, viviam em péssimas condições, lutavam com os animais e, na maioria das vezes, era a única coisa que sabiam fazer, eram analfabetos ou tinham pouquíssimo nível de escolaridade.

Com base nessas representações da realidade da exploração do trabalho e das condições de extrema pobreza da população castigada pelas sucessivas secas no Nordeste, Rachel de Queiroz, no romance *O Quinze*, expõe a situação de miséria e exclusão social dos sertanejos durante o ano de 1915, mais precisamente no estado do Ceará. Com isso, é perceptível as dificuldades de Chico Bento e sua família, desempregado na região de Quixadá, devido à falta prolongada das chuvas, a dona da fazenda decide abandonar o gado, pois já não tinha recursos para

alimentar os bichos, envia a ordem para soltarem todos os animais e despede os empregados, entre eles, o vaqueiro Chico Bento, conforme se constata no fragmento abaixo:

Foi direto a um caritó, ao canto da sala da frente, e tirou de sob uma lamparina, cuja luz enegrecera a parede com uma projeção comprida de fumaça, uma carta dobrada. E como quem vai reler uma sentença que executou, para se livrar da responsabilidade e do remorso, ele penosamente mais uma vez decifrou a letra do administrador, sobrinho de dona Maroca: Minha tia resolveu que não chovendo até o dia de São José, você abra as porteiras e solte o gado. É melhor sofrer logo o prejuízo do que andar gastando dinheiro à toa em rama e caroço, pra não ter resultado. Você pode tomar um rumo ou, se quiser, fique nas Aroeiras, mas sem serviço da fazenda. Sem mais, do compadre amigo... (QUEIROZ, 2012, p.18-19)

Ao receber esta carta Chico fica desolado, de mãos atadas sem saber o que fazer, que rumo tomar. Desempregado, sem qualquer reserva que pudesse comprar alimentos para a família, a única solução seria ir embora, a procura de um lugar para morar e trabalhar para poder sustentar os seus filhos e a esposa. Após a ordem, o vaqueiro Chico Bento se dirige até o curral e realiza o que a Dona Maroca sentenciou, mesmo contra gosto, solta todos os animais, que por muito tempo foi sua fonte de renda e sustentou toda a sua família. Nesse sentido, o romance regionalista imprime a situação de angústia e tormento dos personagens:

Encostado ao mourão da porteira de paus corridos, o vaqueiro das Aroeiras aboiava dolorosamente, vendo o gado sair, um a um, do curral. A junta de bois mansos passou devagarinho. O velho touro da fazenda saiu, arrogante. Garrotes magros, de grandes barrigas, empurravam as vacas de cria, atropelando-se. Até que a derradeira rês, a Flor do Pasto, fechando a marcha, também transpôs a porteira e passou junto de Chico Bento que lhe afagou com a mão a velha anca rosilha, num gesto de carinho e despedida. Da janela da cozinha, as mulheres assistiam à cena. Choravam silenciosamente, enxugando os olhos vermelhos na beira dos casacos ou no rebordo das mangas. Saída a última rês, Chico Bento bateu os paus na porteira e foi caminhando devagar, [...] (QUEIROZ, 2012, p. 18)

Logo após o personagem realizar a ordem da proprietária, ele vai à procura de pessoas para comprar o seu gado, pois não haveria como cuidar e muito menos levá-los. Chico Bento criava os seus animais na fazenda da dona Maroca, por ficar desamparado precisava se desfazer dos bichos e obter nem que fosse o mínimo

valor possível para utilizar durante a viagem até o seu novo e incerto destino, a capital cearense. Ele consegue, então, fazer um negócio com Vicente, um fazendeiro da mesma região, que possuía um pouco mais de condições e o ajudou comprando o seu rebanho, como podemos perceber o trecho a seguir:

Vicente baixou a cabeça, pensativo. Depois, subitamente, fugindo à ideia que o preocupava: — Quantas reses você tem para o negócio? — Um boiote, uma vaca solteira e um garrote. Tem mais a minha roupa de couro que eu queria que o compadre ficasse com ela. É toda de couro de capoeiro, sem um rasgo que seja... — Quanto você quer por isso? — Pela roupa o compadre podia me dar vinte mil-réis... — E pelas reses? — Pelas reses me dê, alto e mal, quarenta mil-réis por cabeça... É mesmo que lhe dar dado... — Quarenta mil-réis é caro. O gado no Quixadá está a vinte e cinco e trinta mil-réis. O vaqueiro levantou o chapéu de couro, derreado no pescoço, e coçou a nuca: — Se o compadre Vicente quisesse fazer uma troca... Me dava um animal de carga e uma volta em dinheiro... Porque um burro já será mais fácil de vender depois... Vicente falou lentamente, no vaivém do balanço: — É... aliás eu não devia andar comprando gado agora... Mas vamos ao curral para você ver os animais que eu tenho. Nas suas reses há alguma raceada? — A vaca e o boiote são filhos do turino velho. (QUEIROZ, 2012, p. 20)

O gado do vaqueiro é vendido por um valor muito abaixo do mercado, mas não havia muito o que fazer, Vicente estava com o poder de compra nas mãos, e alega que só vai comprar para ajudar o vaqueiro. Contudo, observa-se a consciência de Chico Bento sobre o valor baixo da venda, considerando que está dando o gado ao compadre, pelo valor que está pedindo. Mesmo assim, Vicente alega está caro, e encontra justificativas para comprar o gado por um valor bem inferior. Isso se configura a relação de poder de quem compra, tem o dinheiro, e a sujeição de quem enfrenta o desemprego e as frustrações diante da pobreza, o medo e a urgência de procurar outro rumo para sobreviver.

Triste e desolado, Chico Bento vai embora pensando na sua desgraça “[...] Ia e vinha na larga sela de campo, de arção redondo e grandes capas bordadas. Pensava na troca. Umas reses tão famosas! Por um babau velho e cinquenta mil-réis de volta! O que é a gente estar na desgraça...” (QUEIROZ, 2012, p. 21). Vicente, personagem secundário, de algum modo, se aproveita da situação de desgraça de Chico Bento e a família e compra o gado a preço de “banana”, uma clara demonstração de poder sobre a compra e a troca. Nesse sentido, o constrangimento do protagonista diante da humilhação de ter que vender e trocar

seu gado é patente, a revolta com a desgraça revela a indignação com o negócio que acabar de fazer, mas não tinha como reivindicar um valor maior, ele era pequeno e necessitado diante daqueles que tinham nas mãos o poder de “compra banal”, e aceitar era sua única opção, mesmo com a convicção de que Vicente se aproveitara da situação.

É notório que o personagem ficara entregue à própria sorte, sem trabalho e sem recursos, foi obrigado a retirar-se do local, a procura de soluções para poder proporcionar o mínimo necessário para seus parentes, e “AGORA, ao Chico Bento como único recurso, só restava arribar. Sem legume, sem serviço, sem meios de nenhuma espécie, não havia de ficar morrendo de fome, enquanto a seca durasse. Depois, o mundo é grande e no Amazonas sempre há borracha... (QUEIROZ, 2012, p. 21). O narrador expressa o sonho de Chico Bento, ir para o Amazonas trabalhar nas seringueiras, e quem sabe, sair da situação de precariedade.

As relações de poder, a injustiça com aquele que dedicou a vida a trabalhar, fica evidente quando a proprietária da fazenda, Dona Maroca, não externa qualquer sentimento de gratidão ao vaqueiro, pois ela poderia ter ajudado o ex. empregado pelos menos com as passagens e alguns alimentos para a viagem até Fortaleza, mas ele é descartado como um lixo humano que não lhe serve mais. Com isso, Rachel de Queiroz, denuncia a falta de sensibilidade das classes mais favorecidas socialmente diante dos menos favorecidos, o abandono e a exclusão compulsória pactuada pela classe dominante. O rebaixamento da dignidade, a humilhação de ter que pedir ajuda ao governo era algo forçoso para Chico Bento, pois meio que já previa o resultado: a negação da ajuda para se deslocar da terra onde já não havia possibilidade de sobrevivência e se atrever na cidade.

Em *O Quinze* a luta entre as classes é desigual, Chico Bento representa a camada subalterna, Vicente e Dona Maroca, a classe que ainda tem um certo poder econômico e social, e o governo caracteriza o poder maior, o personagem secundário que fica por trás da cortina do abandono, da falta de assistência aos pobres, a caracterização da exploração e da corrupção. Chico Bento não desamarra a ideia de viajar para um grande centro urbano a procura de trabalho, para isto se desveste de seu brio e vai pedir ajuda aos encarregados do governo, por isso planeja a viagem até Quixadá para conseguir as passagens que, segundo ouviu falar, o governo está dando de graça: “O animal trocado com Vicente chegava de manhãzinha. Iria nele até o Quixadá, ver se arranjava as passagens de graça que o

governo estava dando.” (QUEIROZ, 2012, p. 22). A Decepção veio a galope, Chico Bento não obteve o resultado esperado, conforme evidencia o fragmento abaixo:

Mas foi em vão que Chico Bento contou ao homem das passagens a sua necessidade de se transportar a Fortaleza com a família. Só ele, a mulher, a cunhada e cinco filhos pequenos. O homem não atendia. — Não é possível. Só se você esperar um mês. Todas as passagens que eu tenho ordem de dar, já estão cedidas. Por que não vai por terra? — Mas meu senhor, veja que ir por terra, com esse magote de meninos, é uma morte! O homem sacudiu os ombros: — Que morte! Agora é que retirante tem esses luxos... No 77 não teve trem para nenhum. É você dar um jeito, que, passagens, não pode ser... Chico Bento foi saindo. Na porta, o homem ainda o consolou: — Pois se quiser esperar, talvez se arranje mais tarde. Imagine que tive de ceder cinquenta passagens ao Matias Paroara, que anda agenciando rapazes solteiros para o Acre! [...] — Desgraçado! Quando acaba, andam espalhando que o governo ajuda os pobres... Não ajuda nem a morrer! (QUEIROZ, 2012, p. 23)

A revolta do protagonista se explica pela falta de assistência do governo aos mais necessitados, principalmente no período das duras secas no Nordeste. Além de não conseguir as passagens o encarregado, o funcionário do governo tripudia da miséria de Chico Bento quando sugere que ele espere um mês, quem sabe conseguirá as passagens. Além disso, o funcionário rebaixa cada vez mais a dignidade do vaqueiro quando diz que os retirantes agora querem luxo, pois nunca houve antes essa história de passagem de trem para os flagelados que fugiam para outras regiões para escapar da seca nos sertões nordestinos.

É importante destacar a corrupção na distribuição das passagens, o funcionário declara abertamente que teve que ceder cinquenta passagens para Matias Paroara, que andava agenciando rapazes solteiros para o Acre, certamente havia uma troca de interesses estabelecida por um grupo de pessoas que detinham poder e dinheiro. Dessa forma, Rachel denuncia o desvio de recursos que deveriam ser destinados aos retirantes da Região Nordeste: "— Ajudar, o governo ajuda. O preposto é que é um ratuíno... Anda vendendo as passagens a quem der mais. [...] — Boca de ceder! Cedeu, mas foi mão pra lá, mão pra cá..." (QUEIROZ, 2012, p. 23). A desonestidade do funcionário é reveladora das ações corruptas com o dinheiro público, além de desviar em benefício próprio, o homem ainda humilha Chico Bento, demarcando o seu lugar de fala e de poder.

O poder que esses personagens exercem sobre o protagonista Chico Bento é a prova cabal da desigualdade social no Brasil, as classes dominantes usurpam os direitos das pessoas pertencentes às camadas mais pobres, humilha e exploram da forma que lhe convém, pois não há punição para esse tipo de crime, e nem defesa daqueles que por decreto não encontram respaldo legal que impeça esse tipo de violência contra a dignidade das pessoas carentes, desprovidas de políticas públicas de assistência às pessoas em situação de vulnerabilidade social. Assim, Rachel de Queiroz expressa a realidade da seca, e as consequências desastrosas decorrentes da falta de política de combate à estiagem e à fome no Nordeste na década de 1915, que ainda perdura em muitas regiões do Nordeste brasileiro, embora em proporção bem menor. Sobre esse aspecto, Caminha enfatiza que:

Raquel de Queiroz eleva a seca às suas proporções exatas. Nem mais, nem menos. É horrroso, mas não é Miguel Anjo. É medonho mas não é Dante. É a seca. É mais que uma conversão da seca à realidade, é uma conversão à humanidade. E talvez, impulsionada por esse maravilhoso calor do ser, Raquel de Queiroz achou jeito de humanizar tão dolorosamente o pequeno entrecho amoroso disperso no livro, que a gente se percebe dignificado, por assim dizer, justificado quando o caso se acaba, tão sublimemente proporcionado à incompetência humana. (CAMINHA, 2010, p. 52-53)

A narrativa da seca, das situações de fome e miséria dos protagonistas, representados por Chico Bento e sua família, é a crônica da vida real de um Nordeste que sofreu (e ainda sofre) com a exploração da classe dominante e com a falta de auxílio do governo, que ofereça condições de educação, moradia e trabalho digno ao povo brasileiro, aqui simbolizado pelos personagens retirantes do romance *O Quinze*, de Rachel de Queiroz. Exímia historiadora das memórias e das experiências da indústria da seca na região nordestina brasileira, Queiroz foca na degradação da vida e da dignidade de uma população que tanto contribuiu (e contribui) para o desenvolvimento econômico do Brasil, através do seu trabalho, muitas vezes, explorado e mal remunerado. Desta forma, o romance regionalista discutido ao longo deste trabalho é a figuração das mazelas provocadas pelos períodos de escassez de chuvas, e pela forma como o Estado e outros agentes sociais manipulam, segregam, abusa e se beneficiam da miséria do outro.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto anteriormente constata-se que o romance *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, expõe a triste e verdadeira realidade dos nordestinos durante os longos períodos de secas e estiagens no sertão, com o tema central voltado para a seca de 1915, a autora se apropria da ficção para apresentar as vivências e a trajetória dos sertanejos que imigraram de sua terra natal. Com isso, a escritora cearense evidencia e constrói personagens em situação de vida precária, para denunciar a imigração, a exploração dos personagens secundários como Dona Maroca, o funcionário do governo, o próprio governo e até o compadre de Chico Bento que compra o gado do vaqueiro por um valor irrisório, se aproveitando do desespero do personagem Chico Bento diante das necessidades e da precariedade da vida.

Desse modo, Rachel de Queiroz coloca de forma estetizada o sofrimento dos mais pobres, situações de extrema inópia que causa efeito de estranhamento, impacto e indignação no leitor, como no caso da morte e do desaparecimento dos filhos de Chico Bento e Cordulina, uma das partes mais fortes do romance quando o narrador descreve como a família parte deixando o Josias, morto por envenenamento, deixado numa cova à beira da estrada, com uma cruz de dois paus amarrados, feitos pelo pai. A leitura do romance nos possibilitou que diante de tanto sofrimento, humilhações e desolação, a morte surge como um livramento da fome e da dureza de ter de enfrentar as misérias da vida por longos e duros anos de seca.

Isto posto, constata-se que a seca, como fenômeno da natureza, em resposta a ação do homem sobre o planeta, especialmente sobre a flora e a fauna, é figuração do flagelo do povo nordestino, resignado diante de situações de extrema pobreza em função dos descasos do governo e da exploração de um pequeno grupo social pertencente, que interfere, manipula e se aproveita para exercer seu poder e controlar as pessoas, que já não têm forças para lutar e subverter a subserviência, imposta pelas hierarquias de classes.

A narrativa de Rachel de Queiroz ambientada no serão do Ceará, com alguns deslocamentos geográficos, é a rubrica da seca de 1915, um romance de memória regionalista, visto que neste ano a escritora tinha apenas cinco anos de idade, e sua família também passou pela experiência de deixar à terra natal em busca do sonho de uma vida melhor longe das agruras da seca, fome e desespero pela falta de

chuva. Nesse sentido, embora a família de Rachel de Queiroz possuísse condições mais favoráveis em relação a outras famílias, o medo e a insegurança impulsionaram a sair de Fortaleza, para depois de dois anos retornarem ao Ceará, pois o patriarca da família não se via longe da terra e da fazenda.

Com a estiagem e as dificuldades para conseguir trabalho e sustento para as famílias, muitos habitantes do campo e da cidade que se tornaram retirantes, saíram de sua região de origem para lugares onde pudessem apenas sobreviver sem a mínima dignidade e apoio, enfrentando as mais variadas situações, se sujeitando a praticamente a quase todo tipo de violência, praticada pelos latifundiários, funcionários, donos de terras e proprietários de fazendas. Sem apoio e condições de lutar e reivindicar pelos seus direitos a uma vida decente, esses retirantes se submetiam a trabalhos forçados e desumanos, a fim de obterem o básico para sobreviver, uma realidade excruciante para quem só conhecia e convivia com a crueldade provocada pelas secas no Nordeste.

Os campos de concentração, o cárcere que cerceava a liberdade de ir e vir das pessoas, é a maior demonstração do quanto o Estado foi conivente com esse tipo de violência, tirando daquelas pessoas pobres e fragilizadas diante da própria miserabilidade da vida, o que lhe resta de um pouco de dignidade: o livre arbítrio para ir e vir. Rachel de Queiroz dá vida e coragem a personagem Conceição, uma mulher forte e defensora dos habitantes dos campos de concentração, ela prestava trabalhos voluntários, cuidando dos enfermos e encorajando as pessoas a lutarem pela vida e contra os desmandos do governo e a exploração daqueles que detinha algum tipo de poder e influência social, econômica e política.

Assim, o poder emerge no referido romance como a capacidade de um indivíduo ou determinado grupo de pessoas de dominar e fazer como que o outro se comporte de acordo com os seus interesses, estabelecendo, assim, normas e regras sociais. Dessa forma, este trabalho possibilitou uma reflexão sobre a temática social em *O quinze*, de Rachel de Queiroz, em que percebemos algumas relações de poder de alguns personagens sobre os protagonistas, impondo, de algum modo, a violência simbólica e, em alguns momentos, a violência física, decorrente da privação de direitos e do abandono sofrido pelos personagens, membros da família de Chico Bento.

Espera-se, portanto, que essas breves discussões possam contribuir para os estudos literários, bem como motivar o leitor para a leitura da literatura dos

romances de 30, especialmente a obra de Rachel de Queiroz, ampliando e consolidando as reflexões sobre a temática social, mais precisamente as questões que envolvem a problemática da seca no Nordeste do Brasil, as consequências provocadas pelas adversidades decorrentes desse fenômeno. Além disso, esperamos que novas possibilidades de leitura sejam efetivas, pois a discussão sobre o tema das relações de poder, exploração e abandono não se esgota aqui, fica em aberto para outras contribuições.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Carlos. **A trágica história dos "campos de concentração" do Ceará**. Dw.com. 2019. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/a-tr%C3%A1gica-hist%C3%B3ria-dos-campos-de-concentra%C3%A7%C3%A3o-do-cear%C3%A1/a-49646665> Acesso em 30 jun. 2022.

ALBUQUERQUE, JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2. ed. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2011.

CANDIDO, A. **Iniciação à Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010.

CAMINHA, Edmílson, 1952-. **Rachel de Queiroz: a Senhora do Não Me Deixes** / Edmílson Caminha. – Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010. 74 p.; 18,5 cm.

DIANA, Daniela. **O Quinze**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/o-quinze/> Acesso em 1 jul. 2022

DIANA, Daniela. **Romance de 30**. Toda matéria. com. br Disponível em https://www.todamateria.com.br/romance-de-30/#amp_tf=De%20%251%24s&aoh=16577409994072&referrer=https%3A%2F%2Fwww.google.com&share=https%3A%2F%2Fwww.todamateria.com.br%2Fromance-de-30%2F Acesso em 13 jul. 2022

FERNANDES, Cláudio. **"Secas do Nordeste"**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/secas-nordeste.htm>. Acesso em 29 mai. 2022.

FUKS, Rebeca. Livro **O Quinze, de Rachel de Queiroz (resumo e análise)**. Cultural genial.com. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/livro-o-quinze-de-rachel-de-queiroz/> Acesso em 23 jun. 2022.

FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Rachel de Queiroz**. Ebiografia. Com. 2021. Disponível em: https://www.ebiografia.com/rachel_queiroz/ Acesso em 2 jul. 2022

GUERRA, Paulo de Brito. **A Civilização da Seca: o Nordeste é uma história mal contada**. Fortaleza: Ministério do Interior, Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, 1981. 324 p. Gov.br. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/dnocs/pt-br/acao-a-informacao/institucional/historia#:~:text=Dentre%20os%20%C3%B3rg%C3%A3os%20regionais%2C%20o,federal%20com%20atua%C3%A7%C3%A3o%20no%20Nordeste>. Acesso em 14 jun. 2022

LAFETÁ, J. L. 1930: **a Crítica e o Modernismo**. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

MARINHO, Fernando. **Rachel de Queiroz**. Português. com. br. Disponível em <https://www.portugues.com.br/literatura/rachel-queiroz.html>. Acesso em 2 jul. 2022

NASCIMENTO, Thatiany. **Campo de concentração onde 'flagelados da seca' eram aprisionados é tombado no Ceará.** G1. Globo.com. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2019/07/20/campo-de-concentracao-onde-flagelados-da-seca-eram-aprisionados-e-tombado-no-ceara.ghtml>. Acesso em 30 jun. 2022

PAIVA, Vitor. **A história pouco contada dos campos de concentração da seca no Nordeste.** hypensess. com. br. 2020. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2020/03/a-historia-pouco-contada-dos-campos-de-concentracao-da-seca-no-nordeste/#:~:text=Com%20tamb%C3%A9m%20um%20ano%20de,a%20cair%20sobre%20o%20sert%C3%A3o>. Acesso em 13 jun. 2022.

QUEIROZ, Rachel. **O Quinze**, 93^a. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.** 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SARAIVA, Aléxia. **Conheça os campos de concentração brasileiros que aprisionavam vítimas da seca.** Archdsily. com. br. 2020. Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/922979/conheca-os-campos-de-concentracao-brasileiros-que-aprisionavam-vitimas-da-seca>. Acesso em 30 jun. 2022

SUASSUNA, João. **A grande seca de 1915: mortos de fome no caminho para os campos de concentração no Ceará.** Suassuna. net. br. 2016. Disponível em: <http://www.suassuna.net.br/2017/05/a-grande-seca-de1915-mortos-de-fome-no.html?m=1>. Acesso em 1 jul. 2022